

Em contato: a não execução*

Lela Queiroz

Aborda o enredamento das concepções de corporalização/*embodiment*, de campo exploratório e do contato como compósito de linguagem em perspectiva pelo exercício teórico-prático de dança contemporânea com a metodologia BMC das aulas coletivas com Lela Queiroz, pesquisadora de dança do programa recém-doutor UFRGS-UFBA em 2008 e indagar de que modo os processos matriciais de mudanças de estado a elas se atrelam à medida que os processos criativos avançam.

Tem como base o entendimento de corpo como processo, e se apoia nas vertentes das ciências cognitivas da teoria de desenvolvimento dinamicista.

Contato, *embodiment*, dança contemporânea.

O contato tem sido entendido de diversos modos nos procedimentos somáticos de trabalho em dança contemporânea. Se tomarmos como referência o trabalho do professor Klaus Vianna,¹ trata-se pontos de apoio.² Vianna, que seguiu bastante o norte deixado pela dinamarquesa Gerda Alexander³ em seu trabalho sobre eutonia, procura relacionar a distribuição de apoios com o tônus, o aspecto da força da gravidade com entrega e resistência com a ação contrária exercida em relação ao apoio. Quanto mais o apoio é ativado, mais intenso se torna o tônus; quanto maior a entrega por manifestação do peso, menor é a intensidade do tônus. À eficiência do tônus se associa uma economia de esforços como aporte da melhor troca de apoio por superfície de contato. Essa é uma maneira de o contato dar-se como apoio. Há nisso, porém, muitas implicações, e existem outras formas de compreender contato, aqui apresentado como um princípio operacional BMC, Body Mind Centering, plataforma contemporânea de conhecimentos para pesquisa em dança.

Marcada pelo discurso da autonomia artística e da *techné*, a dança referendou-se por muito tempo no domínio da técnica privilegiando os aspectos de uniformidade e controle, execução exímia e virtuosismo em detrimento de outros aspectos vitais do movimento. Hoje, a dança contemporânea e formas híbridas escapam desses grilhões e têm na educação somática bastidor permanente para suas criações. A educação somática ganha estabilidade como uma vertente na dança contemporânea por possibilitar fundamentação ao alcance das demandas de criação em dança.

BMC, a Escola Internacional certificada de movimento e contato para fins artísticos e terapêuticos, propõe movimentos e contato como centrais para entender a sofisticada rede de conexões nos procedimentos especializados que busca tecer no organismo.

* Artigo recebido em maio de 2009 e aceito para publicação em setembro de 2009.

1 Vianna, Klaus. 1990.

2 Miller, 2007.

3 Alexander, 1991.

A perspectiva da corporalização/*embodiment*⁴ permeia todo o trabalho corpo/mente implementado por BMC, numa visão evolutiva dos processos por desenvolvimento em tempo real. Estão implicados aí os operadores de auto-organização⁵ e a construção metafórica da realidade,⁶ em que “há um cruzamento de questões de ordem prática e simbólica, absolutamente enredadas”.⁷

4 Thompson, 1996.

5 Thelen, 1995.

6 Lakoff, 1999.

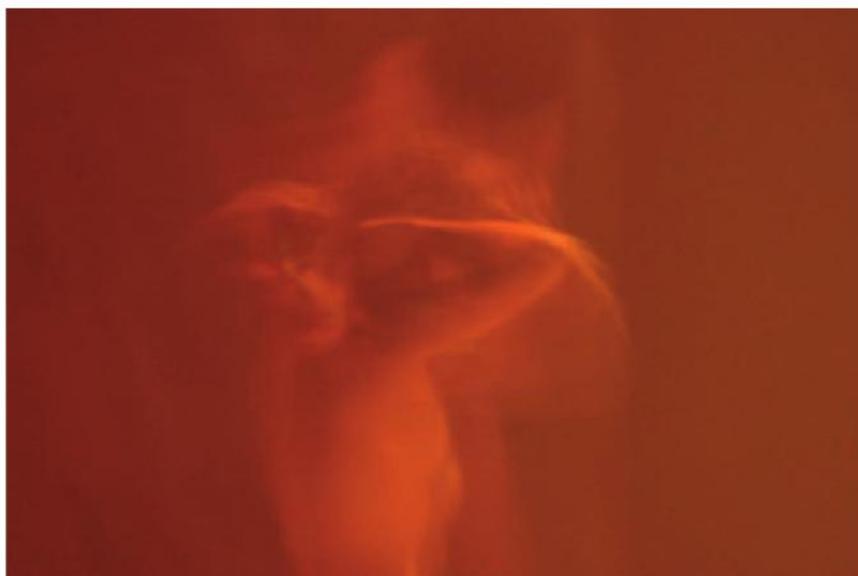
7 Greiner, 2005.

Thelen⁸ em seu trabalho se refere aos movimentos intrínsecos como “processo cognitivo” do organismo. Os domínios são de início conflados (não separados) e fabricam as relações de causalidade; entremeados, e novas habilidades sensório-motoras mudam para habilidades cognitivas e vice-versa. Além disso, o movimento funcional é o amálgama entre mente e organismo que o animal precisa para destrinchar o ambiente e as informações sensoriais nele presentes, adaptar e integrar para se movimentar eficiente e efetivamente. “O significado tem suas origens nas ações e sua manifestação – gerada – em tempo real e pela atividade”.⁹ Segundo os filósofos Lakoff e Johnson, o conhecimento é enraizado no corpo. A significação brota das percepções e ações do corpo. “Os conceitos não refletem apenas nossa realidade exterior, são feitos no corpo e pelo cérebro em nosso sistema sensório-motor”.¹⁰

8 Thelen. Op. cit.

9 Id., Ibid., p. 277.

10 Lakoff e Johnson. Op. cit., p. 22.



Sob o prisma do BMC, o modo preferencial de entender desenvolvimento se estabelece na visão do corpo “não coisificado”.¹¹ A aventura de descobrir por experimentar estava presente na conscientização corporal criada por Klaus Vianna. Embora por conceitos bastante diferentes dos aqui propostos e embora já tramitasse um entendimento distinto do corpo-máquina preso irremediavelmente à *techné*, persistia o pressuposto fenomenológico do corpo apriorístico ou essencialista. Não obstante, corpo “não coisificado” nos remete a múltiplas dimensões do vir a ser e do existir, e situa a questão do corpo como processo e a do movimento como percepção e informação.

Cia. de dança de Diadema.
Foto: Paulo Cesar Lima.

11 Cohen, 1993.

É bastante pertinente que o modo de o BMC desenvolver seus experimentos seja pela geração de campos exploratórios. Os processos de construção do conhecimento no corpo se dão, segundo Bonnie B. Cohen por processos de corporalização/*embodiment*, refutando a visão cognitivista mental separada do corpo.

Segundo Esther Thelen, das ciências cognitivas que propõem uma teoria da ação do desenvolvimento, a percepção está no campo de ação e de exploração no ambiente, e não há como conhecer um estímulo ou um objeto sem interação, sem se afastar ou se aproximar, sem entrar em contato, sem pegar ou largar, sem o experimentar tátil, isto é, sem que o corpo ou alguma de suas partes tivesse entrado em contato, diversas vezes, com o objeto em questão. O reconhecimento das informações no ambiente ganham dimensão com movimentos.

12 Lakoff e Johnson. Op. cit., p. 30.

Lakoff e Johnson¹² explicitam em sua obra os meandros dessas operações, em que a apreensão do mundo depende da capacidade do corpo de categorizar; operações que desencadeiam nosso sistema conceitual e derivam necessariamente das metáforas construídas sobre relações espaciais no corpo por nosso sistema sensorio-motor.

13 Gibson, Eleanor.

Em sua teoria de desenvolvimento da percepção, Eleanor Gibson¹³ afirmou que a exploração era a ligação entre informação perceptiva e controle motor. Nos deparamos com a noção de que o ato de explorar implica mudança de percepção.

A velha noção de execução passa a ser questionada e, em seu lugar, surge a noção de processo auto-organizativo, fator central na teoria de desenvolvimento, desautorizando a visão externalista do fenômeno, bem como a visão essencialista sobre corpo – são, portanto, o organismo e o ambiente, juntos, que engedram a mudança.

É a ação por exploração e por corporalização/*embodiment* que compõe o tecido da ação experimental em BMC.

A ação no ambiente – os modos como o organismo se movimenta nele – incrementa os processos neurológicos pela forma como a conexão sensorio-motora se estabelece entre controle motor (ação) e gamas sensoriais subjacentes aos sentidos físicos (percepção).

14 Queiroz, 2006.

Segundo a concepção dinamicista, movimento é sentido, percepção, informação. Nessa comunicação que o movimento faz, o contato corporal é chave na questão da familiaridade para os processos de corporalização/*embodiment*.¹⁴

A abordagem processual do curso regular ministrado por Lela Queiroz no Estúdio Dança Integrada aplicando o método BMC para criação em dança contemporânea propõe o caminho somático de movimento e contato pelo desenvolvimento e busca a emancipação do corpo. O exercício teórico-prático no fluxo arte-ciência alia os aspectos formais da

arte do movimento aos anatômico-fisiológicos propostos pelo método, reunindo aspectos formativos, mas sobretudo criativos, dentro da concepção de explorações, soluções adaptativas e improvisação.

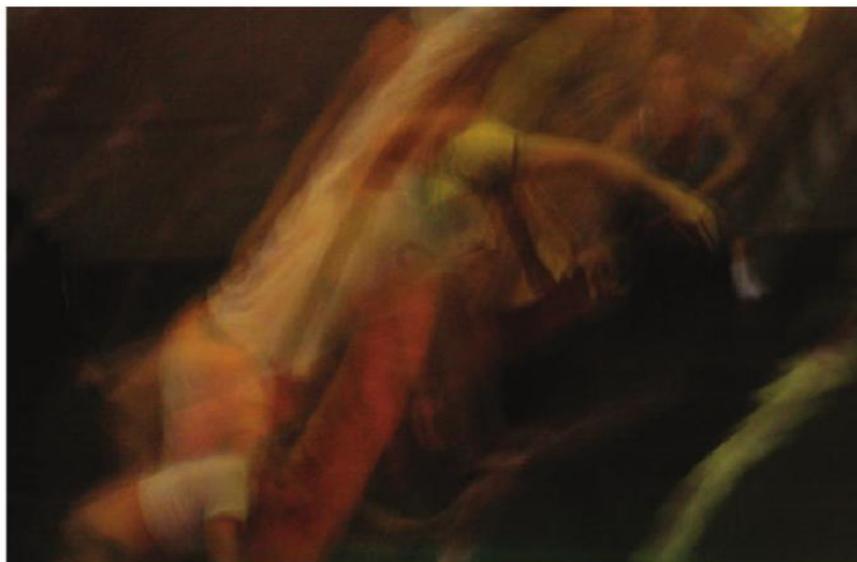
A aula é dividida em: foco com o corpo e o grupo, foco nos princípios evolutivos, foco no campo exploratório seguido por um foco improvisacional. Processos iniciados em cada uma das quatro divisões da aula irrigam e atuam como conversores de escalas de espaço-tempo variadas.

Observar como as diversas escalas temporais/espaciais entre operadores e procedimentos se relacionam e variam ao aplicar os princípios evolutivos de desenvolvimento indicou serem fundamentais as seguintes características: (1) aprendizado por ação sensorio-motora e processos de atenção e intenção mente/corpo, (2) campos migratórios, (3) espaço curvo e verticalização da experiência, (4) ação dupla com finalidade estruturadora e criativa.

Novas ferramentas e procedimentos de criação surgem nesse (e por esse) caminho exploratório de corporalização/*embodiment* pelas variações entre contato e movimento.

A referência a campos migratórios diz respeito à informação com modificação continuada, numa perspectiva darwinista. Instâncias do próprio conhecimento de corpo mesclam-se a instâncias de aprendizagem específica, com lúdica motivação de enveredar pelo desconhecido e com a capacitação conceitual que trazem parâmetros e referenciais para a ação em configurações mais complexas. Em aprendizagem específica, configura-se a detecção de demandas intrínsecas não verbalizadas por parte dos alunos. Elas constituem corrente manancial entre acaso e necessidade. Na capacitação conceitual das aulas figuram o trânsito teórico-prático das ciências cognitivas e os princípios fundamentais do sistema de práticas BMC – entre eles forma precede função, estabilidade-mobilidade, sombra-luz, iniciação-caminho – provenientes do método, e o aspecto crucial do trabalho fica por conta da exploração que vai intermediando essas instâncias. A escuta, por parte da facilitadora, bem como de participantes, permite transpor o mecanicismo e a repetição (que redundam na questão da execução) e prestar atenção no que está acontecendo, em “escuta e presença”, gerando um campo detector de demandas suscitadas coletivamente sem que seja utilizada a palavra. BMC chama isso de “a mente da sala” (*The mind of the room*). Mais uma vez, fica confirmada a compreensão sistêmica do observador implicada na ação no mundo.

A adoção desse princípio de corporalização/*embodiment* adquire novo sabor: além de estar em jogo o corpo como um todo, os movimentos que o corpo faz participam ativamente na construção da cognição. O olhar e o gesto seguem a “escuta e presença”, e nutrem-se as demandas sem ficar condicionadas à fala. Ao contrário, é ela que se adapta aos caminhos emergentes.



O processo Cia. Borelli.
Foto: Paulo Cesar Lima.

As operações viscerais, controladas pelo sistema nervoso autônomo, visto que são fontes de regulações primeiras e profundas do organismo, ganham destaque em BMC; são elas que reorganizam internamente um processo dinâmico que aposta, para favorecer a corporalização/*embodiment*, no diálogo inconsciente-consciente e se apoia especialmente nas divisões do SNParassimpático e SNEntérico do Sistema Nervoso Autônomo. Ossos, músculos e nervos deixam de ter mera compreensão motora ou esquelético-articular e passam a elencar redes sensório-motoras de conexão corpo/mente.

Em BMC, a contraparte do sistema nervoso somático, o sistema nervoso autônomo, recebe a designação de acrescer, como sua especificidade, o papel de *segundo cérebro* do organismo, pareando-se com algumas famílias de filosofias orientais. A compreensão diferenciada do papel evolutivo de movimentos e contato na construção dessas redes sensório-motoras leva-nos à compreensão dos padrões neurológicos basais (BNPs) desenvolvidos pelo BMC. O conjunto das ativações do corpo compoem o amplo domínio sensório-motor afeta por completo a antiga compreensão motora *per se*, datando a obsolescência desse reducionismo, flagrando a complexidade envolvida no campo de movimentos e do contato.¹⁵

15 Queiroz. Op. cit.

O acesso ao corpo com base nessas conexões e nos princípios evolutivos do movimento e de desenvolvimento para a ampliação repertorial de dança do aluno norteia esse trabalho em aula. Mergulhos de movimentos e contato migram entre posturas de alongamento e fortalecimento, incursões dos princípios em improvisação, e o aporte conceitual transforma cada uma dessas dimensões numa grande empreitada exploratória.

“Corporalização/*embodiment*, desenvolvimento por exploração lúdico-criativa e abordagem mente/corpo por movimento&contato singularizam a proposta do BMC como Educação Somática especificamente para a Dança.”

O trabalho corporal com base nos sistemas corporais que o BMC estuda contribui interdependentemente para a expressão corpo/mente e tem como uma de suas possibilidades abordar tais sistemas pelo ponto de vista das qualidades de movimento e contato, e isso ao mesmo tempo balanceia e integra sistemas entre si, criando uma qualidade expressiva individual. A interação dos diversos sistemas no organismo é feita num *continuum* entre movimentos e contato por modificação continuada.

Interessada em investigar como esses processos ocorrem com o corpo, por qualidades de movimentos que se tornam catalisadores de modificações crescentes nos estados, Lela Queiroz destaca o fato de que essa confabulação incessante entre movimentos e contato parece ser a característica essencial do dinamicismo, como matrizes intrínsecas no desenvolvimento, que desencadeia mudanças de estado. Eles se flagram como variáveis, ora como dissipadores, ora como indicadores, moduladores e facilitadores nos processos auto-organizativos. Assim, o trabalho em aula, essencialmente por mergulhos e incursões, segue algumas características intrínsecas dos processos evolutivos, tais como ocorrer por variação x seleção, processos de tomada de decisão, adaptação de arranjos já percorridos em soluções criativas. Ocorre significativo acasalamento do material proposto em matrizes diferenciadas em cada corpo. E o enriquecimento repertorial se dá numa estrutura aberta não linear ou cumulativa, mas que se rearranja continuamente – adaptativamente – em percepção ampliada da realidade.

Para entendermos tanto a corporalização/*embodiment*, assim como o diálogo de inconsciente e consciente, pelo prisma do BMC, quanto a cognição com base em movimentos e contato, é crucial a compreensão do sistema sensorio-motor, bem como o entendimento de como acontece a construção de padrões neurológicos a partir de movimentos. Aqui nos deteremos no fenômeno do contato.

O contato promove o reconhecimento no sistema corpo-ambiente.¹⁶ Modificador nessas comunicações, caracteriza transformações nos estados corporais/mentais. O contato desempenha, portanto, papel crucial nos processos de comunicação, processos esses que são dinamicamente constituídos. Na visão sistêmica dinamicista, contato é variável crucial na seleção e atração para uma dada configuração entre muitos estados possíveis.

16 Lewontin, 2002, p. 46-74.

O contato corporal deixa um rastro modificador, uma vez que constitui mediação específica. Trata-se de acontecimento permanente entre os diferentes tipos de toque e relações que se estabelecem nos sentidos do tato (texturas, superfícies) e da visão.

A maneira de o contato dar-se como apoio constitui uma das variáveis possíveis – a manifestação como apoio fica sujeita aos aspectos de modificação de outras variáveis, sejam elas de intenção, tensão, pressão, duração, aspereza, etc. Por exemplo, partindo-se do princípio de que o relaxamento se estabeleça e se dê a manifestação do peso do osso no apoio, fica, por assim dizer, de certo modo desmotivada a iniciação de uma ação se

ocorrem um colapso das forças e a ausência de tónus necessários à configuração de uma ação. Ao contrário do que comumente se pensa, estão em jogo novas relações além das de contato unicamente como apoio. O contato-improvisação pode ilustrar bem isso; por se tratar do contato entre dois ou mais, a conexão é viva, coemergente e coevolutiva... Temos no contato imensa gama de exploração para a questão dos movimentos.

Um estado de movimento reconfigura-se com o acontecimento de um contato. O contato porta um grau de decisão e escolha: estar em contato de um modo exclui outros. Essas escolhas afetam diretamente o modo e o significado do contato. Trazem algo do aspecto irreversível da ação, irreversibilidade essa restrita ao *momentum* dos movimentos em jogo e da ação em curso. O contato é transdutor, certa medida, permitindo a transmutação de um evento em outro. É conversor, em outra, permitindo converter uma energia em outra. E age ainda como conector. Isso nos lembra um pouco o fator “tudo ou nada” eletroquímico da sinapse no sistema nervoso, pois, quando o limiar é atingido, ocorre o disparo, que converte um evento em outro. Assim se dá com o contato, assim se toca, assim se estabelecem novas redes. O contato correlaciona o campo da minha ação com o que está fora e nos joga na compreensão sistêmica do observador implicado na ação no mundo.

17 Greiner; Katz, 2001.

18 Thelen. Op. cit

19 Queiroz. Op. cit.

Na tese de doutorado, Lela Queiroz defende uma visão dinamicista do organismo, condizente com a teoria corpomídia,¹⁷ em que se entende corpo como ambiente de mediação. Esclarece-se a razão de conceber movimentos e contato como dinâmicas intrínsecas do organismo, como sustenta Thelen.¹⁸ Esclarece-se, nas medições dos experimentos de “habituação”, o papel que o contato desempenha como indicador não apenas tátil, mas do ambiente da exploração em jogo, dimensionando a informação nele contida. Ele produz o diferencial em meio às variáveis de invariância do objeto. O contato cria referenciais para a continuidade da percepção. Mais importante ainda, junto com o movimento, ele informa os sentidos para a recategorização perceptiva.¹⁹

A título de exemplo, e ressalva seja feita, uma tradução possível para *yield* é ceder, ou entrega. Seguindo-se a mesma ressalva, *bond* é conectividade e vínculo, sem o qual o *yield* fica um pouco comprometido, um pouco desprovido de inteireza configurada. Tanto *yield* como *bond* são noções sofisticadas do BMC para dar cobertura à espécie de eventos pertinentes ao contato, entendido de modo muito específico em suas variáveis.

Novas matrizes repertoriais são plantadas dessa forma e começam a se definir num terreno de diferenciação crescente possibilitado por sua vez pela experiência direta que as explorações concedem, seja nas variações de contato em que figuram sensações táteis (cinestésicas), duração, energia emergente nas ações, emoções, direções espaciais e outros fatores envolvendo demais sentidos, seja nos caminhos de movimentos.

O rastro do contato modifica a ação com escolhas e tomadas de decisão em limiares de ação muito rápidas, em fluxos do inconsciente cognitivo. Com isso, o campo do contato

pode ser visto como um potente processo matricial gerador que se constitui enquanto margem e auto-organiza novos estados. A repercussão do trabalho de BMC junto aos alunos tem indicado mesmo mudanças de estado significativas.

A exploração em BMC age duplamente, como ferramenta de trabalho de campo e procedimento criativo. A dança contemporânea, seja em composição por movimento coreográfico ou improvisacional, ganha novo espectro de proposições. Criativamente, o contato modifica os contextos, e a dança é feita de contextos. Nesse sentido, o enriquecimento repertorial decorre e depende das práticas exploratórias com o próprio corpo em movimento.

Com isso em mente, a exploração de movimentos é campo crescente e em expansão, e as significativas mudanças de estados sentidas pelos alunos decorrem desses processos de percepção ampliada da realidade, que antes de ganharem a forma de relatos ganham descrição em seus corpos.

Referências bibliográficas

- ALEXANDER, Gerda. *Eutonia*. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1991.
- COHEN, Bainbridge B. *Sensing, feeling and action*. Massachussets: Contact Editions, 1993.
- EDELMAN, Gerald M. Bright Air, Brilliant Fire. *On the matter of the mind, memory and the individual soul: against silly reductionism*. New York: Basic Books, 1992, p.165-187.
- GREINER, Christine; KATZ, Helena. Corpos e processos de comunicação. *Fronteiras*. São Paulo: Unisinos, 2001, v. 13, n. 2, p. 65-75.
- LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Philosophy in the flesh*. New York: Basic Book, 1999.
- LEWONTIN, Richard C. *A tripla hélice – Gene, organismo e ambiente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 46-74.
- MILLER, Jussara. *A escuta do corpo*. São Paulo: Ed. Summus, 2007.
- QUEIROZ, Clélia. *Corpulações*. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica). PUC-São Paulo, São Paulo. 2006.
- _____. *Beyond body machine, the birth of corpusmedia*. RJ. <http://www.idanca.net>. 2006.
- _____. *A subjetividade revisitada*. Simpósio corpo e subjetividade – SENAC-SP. Congresso Mundial de Dança CID / ONU. Grécia. <http://www.idanca.net> e Movimento Dança Recife. 2005.
- _____. *Processos de corporalização nas práticas somáticas*. BMC. v. 1, p. 167-176. col. Húmus. Caxias do Sul: Lithograf. 2004.
- _____. *Corpomídia o além amar dos discursos sobre corpo*. n. 12, p. 88-96. Revista Reichiana. São Paulo: Ed. Sedes Sapientiae. 2003.
- _____. *Cartilha desarrumada: trânsitos e circuitações em Klauss Vianna*. 151p. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica). PUC-São Paulo, São Paulo. 2001.
- THELEN, Esther. *A dynamic systems approach to the development of cognition and action*. Massachussets: MITPress. 1998.

THELEN, Esther. Time-scale dynamics and the development of an embodied cognition. In PORT, Robert F.; GELDER, Timothy Van. *Mind as Motion – Explorations in the dynamics of cognition*, p. 69-100 London/Cambridge: A Bradford Book/The Mit Press. 1995, p. 69-100.

THELEN, Esther; SCHONER, Gregory. *Using dynamic field theory to rethink infant habituation*. 2001. <http://lib.bioinfo.pl/pmid:1663762> e *Psychological Review* <http://www.cs.indiana.edu/> Acesso em nov. 2003.

THOMPSON, Evan. *The mindful body – Embodiment and cognitive science*. Lanham Boulder New York London: Rowman & Littlefield Publisher Inc., 1996.

VIANNA, Klauss. *A dança*. São Paulo: Ed. Siciliano, 1990.

Lela Queiroz (UFBA, Salvador, Brasil) é doutora em comunicação e semiótica pela PUC-SP, mestre em consciência corporal, professora adjunta do Programa de Pós-Graduação em Dança da UFBA, praticante BMC, formada em educação somática pelo movimento nos EUA e Alemanha; coreógrafa e artista *performer* em intervenções públicas, tendo recebido bolsas e premiações. / lela@ufba.br